

ENSINO DE XADREZ NA ESCOLA: Um Olhar Diferente para Vida

Marcelo F. SOUZA¹; Heitor G. dos SANTOS²

RESUMO

O presente trabalho tem como intento mostrar um pouco sobre as atividades desenvolvidas pelo subprojeto *Xadrez na Escola*, desenvolvido por alunos do PIBID Matemática (IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes). Este subprojeto é um esforço que busca ajudar estudantes da educação básica a desenvolver capacidades e aptidões, trabalhar as chamadas funções psicológicas superiores e assim possibilitar a busca pelo conhecimento.

Palavras-chave: Funções Psicológicas Superiores; Ensino-aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

O PIBID Matemática do IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes, responsável por alguns subprojetos como: *Oficinas para a OBMEP*, *Projeto Xadrez nas Escolas*, *Sociedade Jovens Matemáticos* entre outros, vem ajudado desde junho de 2011 na formação de futuros professores, incentivando novas práticas e iniciando alunos da licenciatura na prática da docência. Hoje contamos com o coordenador Joelson Hermes, duas professoras supervisoras da rede estadual de Minas Gerais; e com 11 bolsistas.

Fazemos parte desse projeto desde março de 2015; novatos ainda, mas gostaríamos de relatar algumas experiências. Trabalhamos em duas escolas; Escola Estadual Felipe dos Santos (Inconfidentes - MG) e A Escola Francisco Ribeiro da Fonseca (Ouro Fino – Minas Gerais). Quando entramos no Pibid já era desenvolvido o trabalho com ensino de Xadrez nas escolas. A cada semana nos reunimos para discutir, definir e organizar ações; como somos alunos da licenciatura temos na grade algumas disciplinas naturalmente chamadas de pedagógicas. Nessas aulas e em nossas discussões, e especificamente nas aulas de Psicologia da Educação, da professora Lidiane Teixeira, percebemos o potencial do jogo de xadrez bem trabalhado na formação dos alunos da educação básica.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG - E-mail: marcelofsouzabb@gmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG – E-mail: heitorconectado@gmail.com

Então nós nos questionávamos qual seria o alcance do ensino-aprendizagem do jogo de Xadrez se bem desenvolvido; o que poderíamos estimular nos alunos, para onde poderíamos dirigir o aprendizado; o que ajudaria no desenvolvimento de outras disciplinas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Vygotski, psicologista e pesquisador Russo escreveu sobre a educação e o desenvolvimento de funções psicológicas; habilidades e capacidades da inteligência:

O conceito de “desenvolvimento das funções psíquicas superiores” é objeto de nosso estudo abarcam dois grupos de fenômenos [...] Trata-se, em primeiro lugar, de processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: a linguagem, a escrita, o cálculo, o desenho; e, em segundo, dos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitadas nem determinadas com exatidão, que na psicologia tradicional denominam-se atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos, etc. Tanto uns como outros, tomados em conjunto, formam o que qualificamos convencionalmente como processos de desenvolvimento das formas superiores de conduta da criança (VYGOTSKI, 2000c, p. 29).

A educação pública, universal, leiga, igualitária, deve oferecer o ensino e a aprendizagem da cultura, da linguagem, da escrita, do desenho, da interpretação de fenômenos naturais, da matemática e etc. Além dos próprios conteúdos trabalhados, os alunos estariam desenvolvendo capacidades; ‘Funções Psicológicas Superiores’, tais como atenção, memória voluntária, raciocínio lógico, abstração, formação de conceitos entre outras. Entendemos que todos os cidadãos têm o direito à educação de qualidade; que estimule a capacidade crítica, reflexiva e o poder de decisão para assim realmente sermos mais livres.

A prática do jogo de xadrez bem desenvolvida está relacionada com esses conceitos, o jogo pode ajudar a desenvolver essas funções e capacidades. O jogo é um caminho, uma opção a mais para atrair alunos dispersos e desenvolver os engajados. Existem diversos trabalhos sobre o assunto, muitos autores que corroboram o potencial do xadrez nas escolas.

Em um estudo no Zaire, hoje Congo (África Central), liderado pelo Dr. Albert Frank entre 1973 e 1974, mostrou que há uma significativa correlação entre a habilidade de jogar xadrez bem e o espacial, o numérico, o administrativo-direcional e as habilidades envolvendo escrita e leitura. Outras correlações obtidas foram todas positivas, mas as habilidades citadas foram mais significativas. Essa descoberta tende a mostrar que a habilidade de um indivíduo no xadrez não é devida somente a uma ou duas habilidades, mas a um grande número de aptidões todas trabalhadas juntas no xadrez. Verificou-se que o ensino de xadrez teve uma influência positiva no desenvolvimento das aptidões numéricas e verbais.

Segundo Dr. Peter Dauvergne, Universidade de Sydney, o xadrez é uma das mais poderosas ferramentas disponíveis para fortalecer a mente de uma criança. É muito fácil aprender jogar, a maioria das crianças de seis ou sete anos podem seguir as regras básicas. Algumas crianças com quatro ou cinco podem jogar. Assim como aprender uma língua ou música, um início precoce pode ajudar uma criança se tornar proficiente. Seja qual for a idade, o xadrez pode aumentar a concentração, a paciência, a perseverança, bem como desenvolver a criatividade, a intuição, a memória e mais importante, a capacidade de analisar e deduzir a partir de um conjunto de princípios gerais, aprender a tomar decisões difíceis e resolver problemas de forma flexível.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Nas primeiras aulas oferecidas pelo professor de matemática das escolas, trabalhamos com o projetor e assim apresentamos o tabuleiro, as peças do jogo, o movimento de cada peça e a dinâmica do jogo. A cada encontro ressaltamos a importância do jogo e seus potenciais. Nas aulas seguintes, dividimos os alunos em grupos e solicitamos que cada equipe fizesse um cartaz com uma peça específica e seu movimento natural, no final pedimos que apresentassem seus cartazes e depois os fixamos na parede. Nas aulas posteriores trabalhamos com o jogo mesmo; começamos com dois tipos de peças; com poucas peças, reforçávamos seus movimentos naturais e deixávamos claro que aquilo ainda não era xadrez, estávamos apenas nos habituando com as regras. Depois de algumas aulas a maioria dos alunos estava jogando.

Como o intuito de oferecer continuidade e oportunidade de exercício, oferecemos o jogo nas aulas de educação física aos alunos interessados. Então conseguimos discutir algumas estratégias, algumas jogadas um pouco mais elaboradas, discutir o jogo em si. Sempre que podíamos fazíamos paralelos com a vida; “o tempo todo nós fazemos inúmeras escolhas (...), se tivéssemos a capacidade de antever acontecimentos, consequências; poderíamos decidir melhor, deixar de fazer algo ou fazer algo diferente”. “No xadrez ou na vida, tentamos escolher da melhor maneira possível; tentando antever o máximo de lances prováveis, mas às vezes, a flexibilidade e o poder de traçar novos caminhos pode nos ajudar”. “(...) devemos saber quando nos proteger, ou quando ser mais agressivos para atingir nossas metas, no xadrez e na vida”. “(...) nos nossos cálculos o tempo também é uma variável, devemos procurar ser rápidos e leves.” Esses são alguns dos nossos comentários, buscando incentivar os estudantes e mostrar as relações do jogo com o dia-a-dia.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Existem diversos trabalhos, que envolvem números e pesquisas mais apuradas que apontam para muitas aptidões e capacidades que o xadrez pode desenvolver; parece consenso entre os estudiosos que o jogo de xadrez pode potencializar a memória, o poder de decisão, a flexibilidade, a abstração entre outras habilidades.

5. CONCLUSÕES

Ainda não definimos uma maneira de avaliar ou mensurar quantitativamente as melhorias no ensino-aprendizagem, ou no desenvolvimento das capacidades dos alunos, mas de uma maneira geral, a comunidade escolar tem se mostrado favorável ao nosso trabalho; os professores percebem algumas mudanças no comportamento dos alunos; há relatos que os alunos ficam mais calmos e dispostos ao trabalho intelectual. Podemos pensar em mais pesquisas e numa maneira de quantificar, ou avaliar melhor os resultados.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, agência financiadora do Pibid, ao coordenador do Pibid Matemática no campus, pelo incentivo e ajuda, às supervisoras pela paciência e fibra, aos colegas bolsistas, e aos amigos, que contribuíram para o presente trabalho.

REFERÊNCIAS

DAUVERGNE, Peter. The Case for Chess as a Tool to Develop Our Children's Minds. 2000. Disponível em: <<http://www.auschess.org.au/articles/chessmind.htm>>. Acesso em: 05 setembro 2016.

FRANK, Albert. Chess and Aptitudes-Sumary. s.d. Disponível em: <<http://paulcooijmans.com/others/albertfrank/chess.html>>. Acesso em: 29 agosto 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.